

O CLAMOR DA TERRA NA VOZ DO PAPA: ECOS DA *LAUDATO SI'* NO MUNDO SECULAR

THE OUTCRY OF THE EARTH IN THE POPE'S VOICE: ECHOES OF LAUDATO SI' IN THE SECULAR WORLD

Gustavo Ferreira dos Santos¹
Breno Martins Campos²

Resumo: Desde que o cardeal argentino Jorge Bergoglio se tornou Papa Francisco, o mundo assiste às formas com que seu discurso tem alcançado diversos nichos e ambientes da sociedade civil extramuros da instituição católica e mesmo das religiões. Sob forte aclamação popular, o atual Pontífice Romano tem sido frequentemente acolhido na comunidade científica e secular, graças a suas posturas e pronunciamentos, que tocam pautas muito mais amplas do que o discurso religioso e doutrinariamente formatado – marcas tradicionais de papados anteriores. Assim, este artigo se debruça com particular interesse na Carta Encíclica *Laudato Si'*, lançada em 2015, com o objetivo de manifestar as preocupações e propostas de Francisco em face do atual cenário ambiental. Aclamado por ativistas e especialistas da área, o documento pontifício demonstrou que a articulação teológica e institucional do Papa não limita sua capacidade de produzir um discurso qualificado o suficiente para promover um diálogo fecundo com o mundo secular. Essa credibilidade do discurso de Francisco é apresentada, aqui, pela exposição de algumas das inúmeras publicações de veículos de comunicação e também no âmbito da ecologia e defesa ambiental. Por fim, buscamos demonstrar as crescentes incoerências existentes entre os apelos do Papa Francisco e a política ambiental do atual governo Bolsonaro, que ganharam novas rugas com a realização do Sínodo da Amazônia em 2019.

Palavras-chave: Papa Francisco. *Laudato Si'*. Sínodo da Amazônia. Governo Bolsonaro.

Abstract: Since Cardinal Bergoglio became Pope Francis, the world has witnessed the prominence with which his speech has reached different niches and environments of civil society outside the Catholic Church and even religious institution. Under strong popular acclaim, the current Roman Pontiff has often been welcomed into the scientific and secular community thanks to his stances and pronouncements that cover far broader agendas compared to the religious and doctrinally-formatted discourse – traditional features of previous popes' papacy. In this sense, this article has particular interest on the Encyclical Letter *Laudato Si'*, launched in 2015 with the aim of expressing Francis' concerns and proposals for the current environmental scenario. Acclaimed by activists and experts in the field, the pontifical document showed that the Pope's theological and institutional articulation does not limit his ability to produce a speech qualified enough to promote a fecund dialogue with the secular world. This paper presents the credibility of Francis' speech through the exhibition of some of the numerous publications of renowned communication vehicles, both in the international media and in the field of ecology and environmental defense. Finally, we seek to demonstrate the growing inconsistencies existent between Pope Francis' pleas and the environmental policy of the current Bolsonaro's government, a relationship that has gained new ruptures after the Amazon Synod in 2019.

Keywords: Pope Francis. *Laudato Si'*. Amazon Synod. Bolsonaro's Government.

¹ Bacharel em Filosofia e graduando em Teologia pela PUC-Campinas, foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: gustavo.fs7@puc Campinas.edu.br.

² Cientista da Religião e teólogo, professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. E-mail: brenomartinscampos@gmail.com

Introdução

"*O tempora! O mores!*", esta conhecida expressão de Cícero em seu protesto no Senado Romano diante da corrupção e vícios de seu tempo ecoa na história como constante interpelação a uma tomada de posição frente aos desafios próprios de cada época. Nesse sentido, também a modernidade impôs suas condições inegociáveis a todas as esferas da vida humana, desarticulando substancialmente as antigas e tradicionais concepções antropológicas, epistemológicas, técnicas, sociais, econômicas, culturais, políticas e religiosas. Dentre as distintas e múltiplas marcas deixadas pelo advento da modernidade, destacam-se, aqui, os efeitos causados no contexto do discurso religioso ocidental: do fundamentalismo rígido da letra ao relativismo absoluto, a modernidade proporcionou a eclosão de um vasto leque de possibilidades na relação entre o sujeito e a prática religiosa. Assim, urge às Ciências da Religião e Teologia a tomada de uma posição na condição de mecanismo eficiente e necessário de análise, frente aos desafios próprios desta era moderna, em sua desafiadora singularidade.

Fazendo coro com a posição de Peter L. Berger (2017) – naquela que pode ser considerada a última fase do pensamento do autor –, para quem a sociedade moderna é marcada predominantemente pelo pluralismo (e não pela secularização), é que se pretende compreender o fenômeno religioso atual sob o aspecto da construção da justiça. Segundo Berger (2017, p. 55), "o mundo contemporâneo, com poucas exceções, é tão intensamente religioso como qualquer outro da história", com a salvaguarda de que a maneira como essa religiosidade se expressa, após o paradigma da modernidade, é também paradigmática. Arrazoado que não é de difícil constatação, sobretudo, quando se leva em conta os efeitos da globalização e da inculturação no escopo da experiência religiosa das sociedades hodiernas. Em outras palavras, a prática religiosa atual se coloca diante dos indivíduos não tanto nos termos de *ser ou não ser*, mas justamente na deliberação identitária de qual ou quais opções assumir.

Uma vez assumida a ideia da pluralidade como signo do fenômeno social, incluído nele o fenômeno religioso, o passo seguinte é se deparar com as profundas alterações e crises do caráter institucional da religião, que com o passar do tempo tem se retirado de muitas outras áreas da vida social (BERGER, 2017). Novos cenários religiosos implicam diretamente em novas metodologias teológicas, que, no contexto da modernidade, veem-se interpeladas a renovações ou ameaçadas de sucumbir diante do pluralismo. Em última análise, a lógica mercadológica deixou suas marcas e legado na esfera religiosa, em que

a globalização deu as bases suficientes para hoje se falar de um "mercado internacional de religiões" (BERGER, 2017, p. 67) – ideia sustentada por Berger, com algumas nuances, desde o tempo em que se alinhava com a teoria da secularização.

Nesse contexto, a Igreja Católica surge como um símbolo de notório destaque, dada a extensão cronológica de sua presença nas sociedades (particularmente, ocidentais). Transcorridos mais de dois milênios, o catolicismo é marcado pelas vicissitudes de realidades político-sociais e culturais na maior parte dos países do mundo, ainda assim, ora como senhora do poder ora como vítima dele, a Igreja de Roma tem conseguido se manter ao longo dos séculos como uma das instituições mais sólidas já vistas na história. Contudo, a singularidade de cada período imprimiu no catolicismo suas marcas, exigindo dele respostas e posicionamentos que o moldaram ao longo do tempo. A relação da Igreja com a sociedade sempre foi uma via de mão dupla.

Eleito em 2013 para assumir o posto mais alto na hierarquia da Igreja Católica, o argentino Jorge Mario Bergoglio tem provocado uma onda de movimentações dentro e fora do Vaticano. Em poucos anos de atuação como Pontífice, Papa Francisco tem conseguido atrair seguidores e admiradores em praticamente todas as esferas e realidades sociais, incluindo pessoas não católicas e até não religiosas. Seus escritos, pronunciamentos e atitudes acenam para uma singularidade no arco histórico do papado romano, sobretudo, ao propor uma libertação da autorreferencialidade e uma renovação eclesiológica em favor de uma Igreja em permanente estado de saída, capaz de romper com o *ethos* católico historicamente marcado por uma robusta tradição e centralização de poder, e burocraticamente estruturado muito mais para uma tendência à autopreservação do que à renovação (PASSOS, 2018).

Desde 2013, portanto, o contexto eclesiológico católico tem sido marcado por conceitos como *estado permanente de missão, acolhida misericordiosa, diálogo*, dentre tantos outros, provenientes dos escritos de Francisco. Seu método peculiar de exercer a função magisterial tem permitido que o catolicismo renove seu diálogo com o mundo secular e religiosamente plural, abrindo novos caminhos para uma reflexão teológica em profunda sintonia com os desafios e urgências da sociedade atual.

***Laudato Si'*: um convite aberto**

Alguns meses após ser eleito para o Trono Petrino e assumir a liderança espiritual de mais de 1 bilhão de fiéis em todo o planeta, Papa Francisco promulgou a *Exortação*

Apostólica Evangelii Gaudium, como "um convite para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e [para] indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos" (EG, n. 1). Esse longo documento apresenta uma densa reflexão teológica com fortes apelos a uma reformulação da dinâmica pastoral da Igreja Católica, sendo capaz de influenciar as discussões de Comissões Episcopais, teólogos e fiéis católicos em todo o mundo. Contudo, como é próprio desse tipo de publicação, os ecos da *Exortação* se limitaram a transitar majoritariamente no ambiente católico, quando muito ganhando pequenos acenos na mídia e algumas ressonâncias em ambientes acadêmicos específicos, que encontram na Teologia ou nas Ciências da Religião seu objeto de estudo.

Um fenômeno bem diferente foi observado alguns anos depois, em 24 de maio de 2015, quando Francisco lançou a *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado com a casa comum. É possível destacar esse documento como um dos escritos papais com maior repercussão no universo *ex-ecclesiae* dos últimos anos. Na tipologia dos documentos pontifícios, ao contrário das exortações apostólicas, as cartas encíclicas não possuem o caráter de expressar matérias de fé, isto é, da definição, defesa ou promulgação de dogmas. Trata-se de uma forma mais pessoal e espontânea pela qual o Papa exerce seu ministério de pastor universal, com temas e destinatários bem variáveis.

Assim, a escolha de Francisco ao lançar mão dessa natureza de documento pontifício para tratar das questões relativas à ecologia em perspectiva integral demonstra sua inclinação a um diálogo ampliado com o mundo secular. Já na introdução, o Papa deixa clara sua intenção em alargar o campo de interlocutores da Igreja:

Mais de cinquenta anos atrás, quando o mundo estava oscilando sobre o fio duma crise nuclear, o Santo Papa João XXIII escreveu uma encíclica na qual não se limitava a rejeitar a guerra, mas quis transmitir uma proposta de paz. Dirigiu a sua mensagem *Pacem in terris* a todo o mundo católico, mas acrescentava: e a todas as pessoas de boa vontade. Agora, à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta. Na minha exortação *Evangelii Gaudium*, escrevi aos membros da Igreja, a fim de os mobilizar para um processo de reforma missionária ainda pendente. Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum (LS, n. 3).

Com o título inspirado no tradicional cântico de São Francisco de Assis, o longo documento divide em seis capítulos as preocupações e propostas do Papa Francisco acerca de um amplo espectro da realidade ecológica do planeta. Partindo de uma análise geral do cenário mundial na atualidade, elabora uma reflexão teológica sobre o sentido evangélico da criação. Francisco apresenta, ainda, uma contundente reflexão acerca do

que julga ser a raiz da problemática ambiental em questão. Segundo o Papa, "para nada serviria descrever os sintomas, se não reconhecêssemos a raiz humana da crise ecológica", assim sendo, ele propõe uma análise de conjuntura que se concentra no "paradigma tecnocrático dominante e no lugar que ocupa nele o ser humano e a sua ação no mundo" (LS, n. 15).

Acerca do conceito central, que dá o tom de todo documento e que está desenvolvido especialmente no quarto capítulo, a ecologia integral, afirma o Pontífice:

Quando falamos de "meio ambiente", fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS, n. 139).

A partir daí, Francisco estabelece no capítulo V uma série de linhas de ações em perspectiva dialógica de caráter social, econômico, cultural, político e eclesial – que, segundo sua compreensão, são meios capazes de ajudar a humanidade "a sair da espiral de autodestruição onde estamos a afundar" (LS, n. 163). Conclui-se o documento com um capítulo dedicado a dois pilares indispensáveis para uma nova e revigorada compreensão ecológica: a espiritualidade e a educação. Com um rico tom poético e envolto na tradição espiritual cristã, o Papa encerra o documento de uma forma inusitada (em se tratando de um documento pontifício), e propõe dois modelos de oração aos leitores: um destinado aos não cristãos que acreditam na figura de um Deus Criador onipotente e outra de caráter ecumênico para os cristãos. Sem dúvida, mais uma demonstração do que se tornou o imperativo no documento desde sua concepção e indicação dos destinatários: a abertura ao diálogo com o mundo secular e pluralmente religioso.

As respostas do mundo

Uma vez compreendida a orientação fundamental e estrutural do documento, é possível avaliar se os esforços de diálogo do Papa Francisco alcançaram ou não seus efeitos e em que proporções. É de se esperar que o ambiente eclesial católico repercuta os escritos e propostas de seu líder – o que nem sempre se faz acompanhar de acenos positivos e aceitação plena. Seria possível, inclusive, uma ampla discussão das maneiras controversas – e, por vezes polêmicas – com que os diferentes segmentos católicos receberam a carta *Laudato Si'*. Contudo, segundo o escopo deste artigo, como parâmetro para a análise dessa recepção, foram consideradas as fontes e veículos de informação que tivessem o menor vínculo possível com a Igreja Católica ou instituições a ela relacionadas.

Dada a proposta do documento, é oportuno destacar sua recepção dentre os ambientalistas e movimentos ligados a causas de preservação do ambiente e de conscientização da causa ecológica. Segundo reportagem do jornalista Edilson Veiga (2015), publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, o então secretário-geral da WWF-Brasil³, Carlos Nomoto, afirmou que "o documento é um presente para a humanidade, independentemente da denominação de fé", e assumiu ainda a coerência do documento com aos avanços das discussões no assunto:

No âmbito científico, já está comprovado que a ação do homem sobre a natureza é que está provocando as mudanças climáticas atuais; as grandes empresas já perceberam que precisam adotar uma estratégia que cuide do meio ambiente; e os governos já entenderam que é mais barato cuidar da natureza do que arcar com as consequências, em todos os quesitos. A encíclica do papa Francisco vem complementar esses três aspectos, trazendo embasamentos éticos e morais.

A mesma reportagem traz também a posição de Márcio Astrini (VEIGA, 2015), então coordenador de políticas públicas do Greenpeace Brasil⁴ e hoje secretário-executivo

³ Sigla em inglês para *World Wide Fund for Nature* (Fundo Mundial para a Natureza), trata-se de uma organização não governamental (ONG) internacional, que atua nas áreas da conservação, investigação e recuperação ambiental, anteriormente chamada *World Wildlife Fund*, nome oficial ainda em uso nos Estados Unidos e Canadá.

⁴ "O Greenpeace realiza ações não violentas, com criatividade e ativismo para denunciar as ameaças ao meio ambiente e pressionar empresas e governos a adotarem soluções que são essenciais para um futuro mais verde e pacífico. O Greenpeace é uma organização internacional sem fins lucrativos e totalmente financiada por seus apoiadores" (Fonte: Greenpeace Brasil. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2020).

do Observatório do Clima⁵, sinalizando a eficácia possível da colaboração entre os discursos político e religioso:

Recebemos de forma positiva a clareza e a franqueza da encíclica sobre a necessidade de ação política internacional diante das mudanças climáticas, que faz prevalecer interesses específicos em detrimento do bem comum. As palavras do papa devem servir para afastar os governantes de seu comportamento apático. Temos a fé e a ciência do mesmo lado e os governantes devem seguir o exemplo, chegar aos acordos que precisamos e colocá-los em prática. No Brasil, isto significa acabar com o desmatamento e investir em energias renováveis, como a solar.

As manifestações de ambientalistas e jornalistas brasileiros sobre a influência dos escritos de Francisco na esfera das políticas públicas acerca das questões ambientais tomaram mais enlevo por ocasião da Conferência Mundial do Clima (COP 21), ocorrida em dezembro de 2015, em Paris, isto é, meses após o lançamento da *Laudato Si'*. Segundo um artigo da ativista ambiental Malu Ribeiro (2015):

Às vésperas da Conferência Mundial do Clima (COP 21), o tema deixa de ser interesse de cientistas, ambientalistas, governos e setores econômicos. Está agora no centro das preocupações do Papa Francisco que, por meio da nova encíclica, chama a atenção da humanidade para a urgente necessidade de "*mudarmos o rumo*", assumindo responsabilidade e compromisso com o Planeta. A manifestação do Pontífice poderá promover grande impacto social e ajudar a pressionar governos na tomada de decisões concretas. Mas o mais importante é a forma direta e simples com que pode atingir cidadãos comuns, em todo o mundo, convocando-nos a efetivas mudanças de comportamento.

O encontro promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) foi encerrado com a assinatura do Acordo de Paris, que segundo o artigo de André Trigueiro (2019) é um fruto das pressões feitas pelo Papa em sua Encíclica:

Um dos efeitos positivos do documento foi o constrangimento causado aos chefes de Estado, instigados pelo Papa a serem mais efetivos no cumprimento de suas obrigações em favor da vida, protegendo a natureza e o meio ambiente. Meses depois do lançamento da Encíclica, celebrou-se o Acordo de Paris, e muitos atribuíram ao Papa o resultado positivo da conferência do clima.

⁵ "O Observatório do Clima é uma rede que reúne entidades da sociedade civil com o objetivo de discutir a questão das mudanças climáticas no contexto brasileiro. O OC promove encontros com especialistas na área, além de articular os atores sociais para que o governo brasileiro assuma compromissos e crie políticas públicas efetivas em favor da mitigação e da adaptação do Brasil em relação à mudança do clima" (Fonte: Observatório do Clima. Disponível em: <http://www.observatoriodoclima.eco.br/sobre-o-oc/>. Acesso em: 10 jul. 2020).

Para além de jornalistas e ambientalistas, também personalidades ligadas a outros contextos da sociedade civil acenaram para os aspectos positivos da encíclica papal na elaboração de políticas públicas na área ambiental. "Esta encíclica terá um grande impacto. Francisco está diretamente envolvido como nenhum Papa antes dele. Ele está animado com o que esta encíclica comunicará" (TRIGUEIRO, 2019), afirmou Christiana Figueres, presidente da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC, sigla em inglês) durante reunião em Bonn, na Alemanha.

Ainda no cenário internacional, Edgar Morin referiu-se à *Laudato Si'* como "providencial" em entrevista, para ele, a crítica feita pelo Papa ao antropocentrismo é uma chave indispensável para o combate da degradação ambiental impulsionada por uma visão técnico-prática da natureza (PEILLON; GAULMYN, 2015). Para além de qualquer orientação religiosa, Morin assume o valor da fé na estruturação de ações eficazes na luta ambiental e reconhece a importância da Encíclica:

Ele [o Papa Francisco] critica uma forma de antropocentrismo. Existe, com efeito, um humanismo antropocêntrico, que coloca o homem no centro do universo, que faz do homem o único sujeito do universo; em suma, onde o homem se situa no lugar de Deus. Eu não sou crente, mas penso que esse papel divino que se atribui, às vezes, ao homem é absolutamente insensato.

[...]

A fé pode ser uma salvaguarda contra a corrupção de políticos ou de administradores. A fé pode dar coragem. Se, hoje, numa época de virulência, as religiões voltassem à sua mensagem inicial – em particular o islã, onde Alá é o Clemente e o Misericordioso –, elas seriam capazes de se compreender. Hoje, para salvar o planeta, que está verdadeiramente ameaçado, a contribuição das religiões é bem-vinda. Esta encíclica é uma brilhante manifestação disso (PEILLON; GAULMYN, 2015).

Após a publicação da *Laudato Si'*, alguns eventos importantes na agenda ambiental internacional aconteceram sob sua influência. Além da supramencionada Conferência Mundial do Clima (COP 21), de 2015, chamou a atenção a realização de um congresso promovido pelo Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral⁶, em 2019, reunindo um grupo de executivos do setor energético para tratar do tema "A transição energética e a tutela da casa comum". Entre os CEOs reunidos por dois dias no Vaticano a portas fechadas, estavam representantes de gigantes como Eni, Exxon,

⁶ Órgão da Cúria Romana criado pelo Papa Francisco em 2016, que passou a agrupar as competências e funções do Pontifício Conselho de Justiça e Paz, Pontifício Conselho *Cor Unum*, Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, e do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde.

Total, Repsol, BP, Shell, Sinopec, ConocoPhillips, Equinor e Chevron (NO VATICANO..., 2019). Na ocasião, os executivos assinaram um termo de compromisso reconhecendo a necessidade de conter o aquecimento global e minimizar suas consequências. Além disso, representantes das gigantes do setor energético reconheceram que são necessárias "mudanças radicais em todos os níveis" para realizar uma transição que envolva o "apoio dos mercados na adoção de combustíveis renováveis como fonte de energia" (NO VATICANO..., 2019). Em comunicado, a Santa Sé divulgou um trecho do acordo firmado:

Como líderes do setor energético, da comunidade global de investimentos e outras organizações, nós reconhecemos que uma aceleração significativa na transição para um futuro de baixo carbono além das projeções atuais requer uma ação sustentada e de grande escala, além de soluções tecnológicas adicionais para manter o aquecimento global abaixo de 2° C, e contudo ainda avançar na prosperidade humana e econômica (FRACCALVIERI, 2019).

Contudo, sem dúvida, o evento de maior notoriedade oriundo dos apelos do Papa Francisco feitos na *Laudato Si'* foi a convocação do Sínodo da Amazônia em 15 de outubro de 2017. Este evento singular no ambiente eclesial alcançou significativa repercussão na imprensa internacional, sobretudo nos países da América do Sul que compõem a chamada região pan-amazônica.

Sínodo da Amazônia: velhos problemas, novos protagonistas

Como uma espécie de resultado prático das formulações da *Laudato Si'*, o Papa Francisco manteve aberta a agenda ambiental na Igreja ao convocar o Sínodo para a região Pan-Amazônica. Sob a temática "Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral", a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos, convocada pelo Papa Francisco e transcorrida em Roma de 6 a 27 de outubro de 2019, levantou mais uma vez uma série de problemáticas já conhecidas desta região amazônica, mas, agora pela voz da Igreja.

De acordo com os mecanismos internos da Igreja Católica, um sínodo se constitui como um ambiente de escuta, diálogo e discussões acerca de alguma temática específica, seja no contexto de uma Igreja Particular, isto é, uma diocese, seja em âmbito global. Historicamente, os sínodos migraram de um caráter deliberativo para uma estrutura dialógica e consultiva; e, em se tratando do Sínodo dos Bispos, a palavra final, isto é, a acolhida ou retificação das propostas sinodais, cabe ao Papa. A elaboração papal acerca

das contribuições sinodais costumeiramente se dá sob a forma de uma exortação apostólica pós-sinodal – no caso em questão, por meio da *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*, apresentada em 12 de fevereiro de 2020.

As seguintes palavras do próprio Papa Francisco (2019), no discurso de abertura do Sínodo, tratam das razões e da urgência de a Igreja discutir a Amazônia e suas demandas:

Vimos para contemplar, para compreender, para servir os povos. E fazemo-lo percorrendo um caminho sinodal, fazemo-lo em sínodo, não em mesas redondas, não em conferências ou outros debates: fazemo-lo em sínodo, porque um sínodo não é um parlamento, não é uma sala de visitas, não é uma demonstração de quem tem mais poder nos meios de comunicação e quem tem mais poder na rede, para impor qualquer ideia ou qualquer plano. Isso configuraria uma Igreja congregacionista, se pretendermos ver através de sondagens quem tem a maioria. Ou uma Igreja sensacionalista muito distante, muito distante da nossa Santa Mãe Igreja Católica, ou como Santo Inácio gostava de dizer: "a nossa Santa Mãe Igreja hierárquica". Sínodo significa caminhar juntos sob a inspiração e orientação do Espírito Santo. O Espírito Santo é o ator principal do Sínodo. Por favor, não o afastemos da sala.

De questões delicadas da geopolítica como a internacionalização da Amazônia a assuntos propriamente pastorais da atuação da Igreja na região, o Sínodo abordou pautas que despertaram a atenção de veículos da mídia, empresários e governos interessados e preocupados com a legitimidade dessa discussão no ambiente eclesialístico.

O próprio documento convocatório do Sínodo sinaliza, em sua introdução, que as preocupações de Francisco com a região amazônica estão muito além de tópicos exclusivamente pastorais:

Em sua visita a Puerto Maldonado, o Papa Francisco pediu que se transforme o paradigma histórico em que os Estados veem a Amazônia como despensa de recursos naturais, "sem ter em conta os seus habitantes" (*Fr.PM*) e sem se preocupar com a destruição da natureza. As relações harmoniosas entre o Deus Criador, os seres humanos e a natureza estão quebradas por causa dos efeitos nocivos do neoextrativismo e por pressão dos grandes interesses econômicos que exploram o petróleo, o gás, a madeira, o ouro, e pela construção de obras de infraestrutura (por exemplo: megaprojetos hidrelétricos, eixos viários, como rodoviárias interoceânicas) e pelas monoculturas agroindustriais (cf. *Fr.PM*).

A cultura dominante de consumo e de descarte converte o planeta num lixo. O Papa denuncia esse modelo de desenvolvimento anônimo, asfíxiante, sem mãe, com sua obsessão pelo consumo e seus ídolos de dinheiro e poder. Impõem-se novos colonialismos ideológicos disfarçados pelo mito do progresso que destroem as identidades culturais próprias. Francisco apela à defesa das culturas e à apropriação de sua herança, que é portadora da sabedoria ancestral. Essa herança

propõe uma relação harmoniosa entre a natureza e o Criador e expressa com clareza que "a defesa da terra não tem outra finalidade senão a defesa da vida" (*Fr. PM*). A terra deve conservar-se terra santa: "Esta não é uma terra órfã! Tem Mãe!" (*Fr. EP*) (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018).

A associação direta entre preservação ambiental e preservação da vida e dignidade das comunidades amazônicas está salientada em todo o caminho sinodal e nos documentos por ele gerados, seguindo a máxima defendida por Francisco: "Acho que o problema essencial é como reconciliar o direito ao desenvolvimento, inclusive o social e cultural, com a proteção das características próprias dos indígenas e dos seus territórios" (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018).

O processo de preparação para o Sínodo estendeu-se de junho de 2018 a abril de 2019, contando com uma série de atividades e levantamento de dados nos países que integram a região Pan-Amazônica (Brasil, Peru, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname). Em um sistemático processo de escuta e questionamentos, essa preparação contou com a participação de indígenas, ribeirinhos, quilombolas, mulheres, jovens, religiosos e religiosas. Essa fase contou com 57 assembleias, 21 fóruns nacionais, 17 fóruns temáticos e 179 rodas de conversa. No Brasil, foram, ao todo, 182 atividades.

Durante o sínodo, foram convocados pelo Papa diversos bispos de todos os países que integram a Pan-Amazônia, sendo que a delegação brasileira foi a maior dentre as participantes, contando com 58 bispos da região amazônica, além de outros nomes na cúpula do encontro, como o cardeal dom Claudio Hummes, relator-geral do sínodo. Além disso, o Pontífice fez questão da participação de cientistas, nomes ligados à Organização das Nações Unidas (ONU), representantes de igrejas protestantes, ONGs e povos indígenas. Houve, contudo, uma recusa por parte do Papa em relação aos participantes: um representante do governo Brasileiro, pedido pelo presidente Jair Bolsonaro. Desde o início das articulações para o Sínodo, representantes do alto escalão do governo Bolsonaro, incluindo o próprio presidente, mostraram-se preocupados com as questões levantadas pelo Sínodo, que poderiam ter uma agenda política.

Em artigo publicado pelo jornal *Gazeta do Povo*, de 5 de outubro de 2019, o jornalista Leonardo Desideri afirma:

Bolsonaro já criticou fortemente a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que tem uma participação ativa no Sínodo. Em 2018, disse que o órgão integra "a parte podre da Igreja Católica". Mas, em maio deste ano, reuniu-se com o presidente da CNBB, dom Walmor

Azevedo, em um encontro que o clérigo considerou "amigável". Em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo no dia 2 de setembro, o general Eduardo Villas Bôas, assessor do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), disse que o governo estava preocupado "com o que pode sair de lá, no relatório final, com as suas deliberações" e sobre "como tudo isso vai chegar à opinião pública internacional porque, certamente, vai ser explorado pelos ambientalistas". Ele afirmou que o Sínodo "escapou para questões ambientais e também tem o viés político".

Com um discurso que frequentemente recorre a apelos religiosos, Bolsonaro apoia-se desde sua campanha eleitoral em 2018 em uma agenda que julga ser representativa dos ideais tradicionais da sociedade brasileira, isto é, da família, religião (em recorte exclusivamente cristão) e liberdade. Entretanto, a discordância entre as falas do governo Bolsonaro e as da Igreja Católica na pauta acerca da preservação da Amazônia e das urgências de políticas públicas para região ganharam contornos ainda mais intensos, quando, em 12 de fevereiro de 2020, foi divulgada em todo o mundo a *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*, que reuniu os elementos conclusivos do Sínodo, mas agora sob a escrita e ótica pessoais do Papa Francisco. Na ocasião, o presidente Bolsonaro estava sob forte crítica internacional por causa de sua política ambiental, questionada por ambientalistas e governos do mundo todo, particularmente após seus posicionamentos agressivos à comunidade internacional diante das críticas pelos focos de queimada na Amazônia em 2019. Segundo reportagem da BBC, de 31 de dezembro de 2019, "o país deixou de ser retratado pela imprensa internacional como uma das lideranças no combate ao aquecimento global para, aos poucos, ser visto como nação que ameaça os esforços globais de preservação do ecossistema" (PASSARINHO, 2019).

Tanto no que concerne às queimadas na Amazônia, que assombraram o mundo em 2019, quanto à realização do Sínodo da Amazônia, convocado pelo Papa e realizado também em 2019, a repercussão internacional foi vertiginosa (e polêmica). Levantaram-se questões acerca da efetividade e competência do poder público brasileiro para preservar a Amazônia como patrimônio ambiental e cultural da humanidade; e também vieram à luz comentários sobre o olhar do Papa Francisco (e da Igreja Católica) estar mais atento às urgências da Amazônia e seus povos do que a atenção que o próprio governo brasileiro dedica ao bioma amazônico.

Considerações finais

Sete anos marcam a presença de Francisco como líder da Igreja Católica no mundo e não são poucos os indícios da aprovação popular e midiática que tem recebido. Considerado uma figura progressista no interior da Igreja e aclamado por sua simplicidade pelos católicos, o Pontífice argentino desponta na imprensa internacional como um nome proeminente numa série de questões consideradas extraeclesiais. Desde que publicou seus primeiros escritos, Papa Francisco tocou em questões emblemáticas e não hesitou em provocar uma série de reflexões e reelaborações no *modus operandi* da vida da Igreja, chamando a atenção para uma Igreja em saída, próxima dos dramas e sofrimentos dos mais pobres e marginalizados da sociedade. Não foram poucas as críticas a governos e modelos econômicos que negligenciam e ameaçam a promoção social e ferem a dignidade da vida. Dentre as investidas do Pontífice, destacaram-se, aqui, seus apelos ecológicos, especialmente sintetizados na "Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado com a casa comum", bem como seus desdobramentos, dos quais o Sínodo da Amazônia é o mais notório. Atento às urgências que a questão ambiental demanda em todo o planeta, o Pontífice foi capaz de alcançar o assentimento, reverência e colaboração da comunidade científica e de ambientalistas do mundo inteiro; e foi capaz também de criar vínculos de diálogo e cooperação entre a sociedade civil e a Igreja em termos praticamente inéditos.

Como apontado, a modernidade vai se firmando com uma série de novos paradigmas que colocam em questão as estruturas das religiões monoteístas e de forte caráter institucional. Em face do avanço da secularização e do pluralismo religioso, o Papa Francisco conseguiu engendrar em seu discurso e prática elementos herdados de sua origem e experiência latino-americana, que fizeram de sua voz um respeitado componente no cenário geopolítico internacional.

Por fim, cabe ainda destacar que posicionamentos emblemáticos do Papa não escapam de severas críticas, que começam no interior da própria Igreja. Desde os primeiros momentos de seu pontificado, Francisco sofre a oposição da ala ultraconservadora católica. Em contexto secular, também não são poucas as rugas na relação com alguns líderes, particularmente os de discurso e prática autoritários. No Brasil, por exemplo, é difícil falar de uma relação harmônica do Papa com o Presidente Jair Bolsonaro, fato que se explicitou na elaboração e repercussão do Sínodo da Amazônia. Dentre aplausos e oposições ferrenhas, Francisco segue com um discurso

ousado e atitudes quase imprevisíveis dentro do enrijecido sistema institucional católico. Ao que parece, hoje a "barca de Cristo" é conduzida novamente por um "Pedro" que não despreza – antes, conhece bem – a realidade daqueles que ficaram nas areias da praia sem oportunidade de embarque e se mantém próximo dos que, pela falta de aceitação, preferiram lançar-se ao mar.

Referências

- BERGER, P. L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- DESIDERI, L. O que o governo Bolsonaro pensa sobre o Sínodo da Amazônia. *Gazeta do Povo*, 5 out. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/sinodo-da-amazonia-o-que-o-governo-bolsonaro-pensa/>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- FRACCALVIERI, B. Emergência climática: o tempo está se esgotando, adverte o Papa. *Vatican News*, 14 jun. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/pesquisa.html?q=A%20transi%C3%A7%C3%A3o%20energ%C3%A9tica%20e%20a%20tutela%20da%20casa%20comum&in=all&sorting=latest>. Acesso em: 18 abr. 2020.
- NO VATICANO, 'gigantes do petróleo' assinam compromisso para manter o aquecimento global abaixo de 2°C. *GI*, 14 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/06/14/executivos-do-setor-energetico-se-reunem-com-papa-francisco-e-assinam-compromisso-para-conter-aquecimento-global.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2020.
- PAPA FRANCISCO. Abertura dos trabalhos da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica – Saudação do Papa, 7 out. 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191007_apertura-sinodo.html. Acesso: 20 out. 2020.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. Brasília: CNBB, 2013.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*, 2 fev. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 10 mar. 2020.
- PASSARINHO, N. Como política ambiental de Bolsonaro afetou imagem do Brasil em 2019 e quais as consequências disso. *BBC News - Brasil*, 31 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50851921>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- PASSOS, J. D. *Método teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- PEILLON, A.; GAULMYN, I. “A Laudato Si’ é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização” - Entrevista com Edgar Morin. *La Croix*, 21 jun. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em: 13 fev. 2020.

RIBEIRO, M. Estamos preparados para os desafios da água e clima nas cidades? *SOS Mata Atlântica*, 13 jul. 2015. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/artigos/estamos-preparados-para-os-desafios-da-agua-e-clima-nas-cidades/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Preparatório do Sínodo para a Amazônia*, 11 jun. 2018. Disponível em: <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-preparatorio.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.

TRIGUEIRO, A. O aniversário da Encíclica mais verde da história. *GI*, 18 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/andre-trigueiro/post/2019/06/18/o-aniversario-da-enciclica-mais-verde-da-historia.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2020.

VEIGA, E. Breve comentário à Carta Encíclica *Laudato si'* do Papa Francisco sobre o cuidado com a nossa casa comum. *O Estado de São Paulo*, 28 jun. 2015. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/breve-comentario-a-carta-enciclica-laudato-si-do-papa-francisco-sobre-o-cuidado-com-nossa-casa-comum>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Recebido em: 31/07/2020
Aprovado em: 16/10/2020